



BONDAGE, DOMINAÇÃO/SUBMISSÃO E SADOMASOQUISMO: UMA ETNOGRAFIA SOBRE PRÁTICAS ERÓTICAS QUE ENVOLVEM PRAZER E PODER EM CONTEXTOS CONSENSUAIS

Fátima Regina Almeida de Freitas¹

Preliminares

Meu interesse pelo tema começou antes de entrar na universidade, ao ler as obras do Marquês de Sade. Hoje compreendo que Sade não parte de uma perspectiva de relações consensuais, que o prazer para ele não se dá no consenso, mas sim na violação da vontade d@outr@, e, portanto, que as relações descritas em seu universo literário não serviriam pra ilustrar minha proposta, porém de toda forma devo muito a essa iniciação.

Com os estudos sobre relações de gênero e sexualidades e com a orientação do professor Luiz Mello, veio à possibilidade de transformar em projeto de pesquisa de iniciação científica o que antes era apenas interesse por literatura. Desenvolvi, então, o projeto de iniciação científica “Práticas sexuais não convencionais – uma abordagem socioantropológica”, entre 2003 e 2004. E defendi em 2007 o projeto para conclusão do curso de ciências sociais “BDSM on line: sexualidades quando a internet é o campo”.

A presente reflexão parte de minha proposta para o Mestrado em Antropologia Social/UFG que iniciei neste ano e tudo o que desenvolvi até então são preliminares para o que vou aprofundar até 2012, agora sob a orientação da professora Selma Sena.

Introduzindo

A sigla BDSM é traduzida geralmente por: BD= Bondage² & Disciplina; DS= Dominação & Submissão; SM= Sadomasoquismo e a estas práticas somam-se algumas outras, tais como: fist fucking³, fetichismo, “inversão de papéis”⁴.

Podemos situar o BDSM dentro do campo das sexualidades dissidentes, este termo foi utilizado por Gayle Rubin (1989) para tratar das sexualidades que estavam à margem (fora do

¹ Mestranda em Antropologia Social/Universidade Federal de Goiás. Email: fatimareginaalmeida@gmail.com

² Amarração/Imobilização com cordas, algemas, lenços.

³ Penetração com o punho, no ânus ou na vagina. Para Gayle Rubin (2003), esta talvez seja a única prática sexual inventada no século XX.

⁴ Prática sexual em que homens são penetrados por mulheres que utilizam dildos (acessório semelhante ao pênis).



“círculo mágico”): sexualidades não-reprodutivas, homossexuais, fora do casamento, em lugares públicos, intergeracionais, pornográficas, sadomasoquista.

Refletir sobre práticas BDSM é entender o prazer e o desejo deslocados da genitalidade e muitas vezes dos corpos, é construir e vivenciar jogos de poder, prazer e dor em contextos consensuais. É importante pontuar aqui que todas as práticas que serão abordadas são vivenciadas por pessoas adultas em contextos consensuais, onde as cenas são negociadas entre os participantes e são respeitados os limites de tod@s. Estas envolvem dominação, submissão e dor num contexto de prazer e se realizam segundo o lema “são, seguro e consensual”, baseando-se assim na confiança e no respeito mútuo.

Minha proposta é fazer uma etnografia destas práticas sexuais em Goiânia, pois não há estudos realizados aqui e somar a outras pesquisas realizadas em outras capitais como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. E como iniciei o mestrado este ano ainda não fiz uma etnografia “clássica” do meu campo, sendo assim os dados que apresento são parte de uma discussão teórica preliminar e de pesquisa tendo a internet como campo⁵.

Essa discussão encontra sua justificativa na possibilidade de contribuir para a ampliação das pesquisas sobre sexualidades no campo das ciências sociais, pois estas são particularmente escassas quando se trata de temas como desejo sexual, prazer e erotismo (CITELI, 2005), especialmente numa perspectiva não essencialista e não biologizante.

Aprofundando?

Os termos sadismo e masoquismo foram criados por Krafft-Ebing, em seu *Psychopathia sexualis* [1885]. Ele deu nome a estas modalidades de preferência eróticas a partir dos romances de Donatien Alphonse François de Sade – 1740 a 1814 -, sadismo, que dentre outras obras escreveu “A filosofia na alcova” e “Os 120 dias de Sodoma”, onde o prazer é alcançado com a violação da vontade do outro e da produção da dor que não é consentida; e de Leopold von Sacher-Masoch - 1836 a 1895 - masoquismo, cujo principal romance é “A vênus das peles”, onde Severino educa uma mulher (Wanda) para que o flagele por/com amor. (SACHER- MASOCH, 1983)

Freud uniu os dois termos (sadosoquismo), pois acreditava que o masoquismo era a continuação do sadismo voltado para si mesmo, e que uma pessoa que experimenta o prazer causando dor também pode obtê-lo recebendo-a. Para Deleuze, o sadismo, de que nos fala Sade, e o

⁵ Em meu projeto de conclusão de curso fiz um levantamento de listas de discussão, sites, blogs e comunidades do orkut relacionadas ao tema.



masoquismo de Masoch não são complementares, representam mundos diferentes e têm personagens diferentes, que não se comunicam. “Cada personagem de uma perversão só precisa do elemento da mesma perversão, e não de uma pessoa de outra perversão” (DELEUZE, 1983: 46)

A prática sadomasoquista (S/M) tem sido vista como patologia por diversos autores como Freud (2002) e Posterli(1996), estes tendem a pensar a prática no sentido clássico (do sadismo de Sade), não na possibilidade de que ela ocorra no contexto consensual. Segundo a classificação do CID- 10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), publicado pela Organização Mundial de Saúde em novembro de 2006, o sadomasoquismo faz parte dos transtornos de preferência sexual e segundo o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – Publicado pela Associação Psiquiátrica Americana) IV, faz parte das parafilias, que incluem também o fetichismo, a pedofilia, o voyeurismo e o exibicionismo. Segundo o DSM IV, “as parafilias são caracterizadas por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns e causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.”⁶

Meu referencial teórico situa-se no campo dos estudos de sexualidades e gênero, relacionando identidades sexuais, identidades de gênero, práticas sexuais, corpos e poderes. Para a discussão teórica e estudos sobre o tema utilizo autor@s como Michel Foucault (2001), que além da História da sexualidade, concedeu diversas entrevistas onde fala sobre a prática S/M; Gayle Rubin (já citada), antropóloga feminista lésbica que realizou pesquisa etnográfica com homens gays leather⁷ de São Francisco; e Liliana Villa (s/d) que fez pesquisa de em uma comunidade de lésbicas sadomasoquistas em Nova York.

No BDSM, o corpo – e não apenas os órgãos genitais - é visto como fundamental em sua totalidade, pois aqui ele é amplamente utilizado e erotizado. Valorizam-se as múltiplas e diversas formas de sentir e estimular o corpo, ocorrendo uma ruptura com o imperativo da genitalidade e recorrendo-se a um vasto leque de objetos e recursos de excitação erótica. Uma cena S/M pode ser pensada enquanto performance, onde são encenados/representados diversos desejos, um lugar privilegiado para vivências de fantasias. O uso de acessórios como roupas, correntes, botas, cadeados, vendas e técnicas como amarração e fist fucking podem fazer parte da encenação. Algo interessante de se notar é que enquanto as pessoas se despem para o sexo convencional, os praticantes do BDSM se vestem para fazer sexo. (Leite Jr., 2000)

⁶ Fonte: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/>

⁷ Couro. Símbolo do fetichismo e outras práticas afins.



Nesta cena ocorre à negociação de scripts eróticos, havendo basicamente dois papéis: top/sádica(o)/dominador(a) e bottom/masquista/submissa(o). Além destas, há também a categoria switcher, alguém que trafega entre as outras duas, que sente prazer ao ocupar as duas posições, numa mesma ou em diferentes cenas S/M. O adjetivo sádico enfatiza uma relação onde os limites do corpo serão testados e a dor está presente, enquanto o termo dominador enfatiza o caráter psíquico, a tortura psicológica, a humilhação verbal. O recurso às palavras top e bottom, originárias do inglês, é uma tentativa de eufemizar o sentido patologizante decorrente da alusão a Sade e a Masoch intrínseca ao sadismo e ao masoquismo, mas, para alguns praticantes, estes termos esvaziam o sentido, a imagem e a mensagem que querem passar enquanto adeptos de práticas BDSM (Califia, 2005).

Embora se remeta muito à dor quando se fala em BDSM, o que une as letras e dá sentido às práticas são as relações de poder. Para Foucault o S/M, é uma encenação de estruturas de poder, onde o corpo se coloca estrategicamente, se brinca com a autoridade e ser dominado ou dominar são posições fluidas. (FOUCAULT, s/d)

Sobre BDSM e identidades de gênero/sexuais

Surgem muitos questionamentos acerca de posições/identidades de gênero e identidades sexuais no contexto BDSM. Como são negociadas e construídas as feminilidades/masculinidades? As posições mudam? E a identidade de gênero d@ parceir@ é relevante?

O primeiro aspecto a ser questionado é se a feminilidade estaria intrinsecamente ligada à passividade e ao masoquismo, como entendia Krafft-Ebing. Procurando contestar este entendimento, as feministas de uma maneira geral costumavam repudiar e se posicionar contrárias às práticas BDSM, pressupondo que estas sempre reproduziam a assimetria da subordinação de gênero, reafirmavam a subordinação das mulheres aos homens (Gregori, 2003). Feministas lésbicas radicais, todavia, como Pat Califia (s/d) entendem o BDSM numa outra perspectiva e argumentam que a vivência de outras práticas sexuais pode ampliar o universo de desejo feminino e empoderar as mulheres, além de chamarem a atenção para o fato de que de que a passividade masculina é muito comum no meio BDSM.

Pode ainda ser destacado um outro aspecto da questão: masculinidade e feminilidade são constantemente negociadas dentro de uma relação BDSM, onde há, por exemplo, mulheres dominadoras (rainhas, dominatrizes) e homens que são submetidos. Um perspectiva de análise interessante é trazida por Rubin (2003), quando afirma, no contexto de análise de relações



sadomasoquistas entre gays, que um homem pode ser penetrado, humilhado, submetido e, ainda assim, manter sua masculinidade como um atributo altamente valorizado.

Nesta prática o que importa, em tese, é a fantasia de dominar e/ou ser dominado. Portanto, a orientação sexual e/ou a identidade de gênero dos parceiros não seria relevante no contexto S/M. Neste sentido, Pat Califia, escritora norte-americana, feminista, lésbica/trans e sadomasoquista, destaca:

“La mayoría de mis parejas son mujeres, pero el género no es mi límite. Me limita mi propia imaginación, crueldad, compasión, la avaricia y el vigor del cuerpo de mi pareja. Si tuviera que elegir entre estar atrapada en una isla desierta con una lesbiana vainilla y un hombre masoquista, escogería el chico. Esta es la clase de sexo que me gusta, sexo que pone a prueba los límites físicos dentro de un contexto de roles polarizados. Es el único tipo de sexo que me interesa tener.” (Califia, s/d)

E onde fica o feminismo?

Desde que me identifico como feminista, o que veio a ocorrer depois de começar a estudar as práticas sexuais não convencionais, tenho pensado muito acerca do debate (contradição?) entre feminismo e as práticas S/M. Como as práticas S/M podem ser pensadas segundo uma perspectiva feminista? Meu primeiro contato com uma perspectiva teórica que concilia posições feministas com a defesa da legitimidade do S/M foi através do texto “Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad” onde Rubin (1989), defende a pornografia, a prostituição e o sadomasoquismo. Posteriormente, tive acesso a outr@s autor@s, como McClintock (2003), Gregori (2004), Pulet (2005) e Villa(2005) ,que pontuam este embate entre o feminismo radical e o movimento S/M.

Segundo o feminismo radical, o S/M é o exercício de dominação masculina sobre as mulheres, reproduz o sistema de opressão, incita a violência contra a mulher, faz parte de uma esfera da pornografia produzida para homens que degrada as mulheres. Outras práticas como a pornografia e a prostituição e a promiscuidade sexual também foram alvo deste grupo (Gregori, 2004).

Entre os autores que discutem o S/M, e que pontuam a crítica feminista a este, vários argumentos são levantados em defesa do S/M como uma forma de sexualidade legítima e libertadora, tanto para homens quanto para mulheres. Dentre estes argumentos cito os seguintes: a) Dentro do S/M há uma “encenação de estruturas de poder”, “o corpo se coloca estrategicamente em uma relação de poder” (FOUCAULT, s/d). Os papéis no S/M são fluidos, continuamente negociados, dominar e ser dominado, onde a submissão masculina é muito comum; b) O S/M é uma estimulação intensa do corpo, forma de extremo prazer (Pulet, 2005); c) As mulheres dentro do S/M



são empoderadas através de sua sexualidade, fazendo-se donas de seus corpos e de seus desejos (Villa, 2005).

De volta as preliminares

Não ousou sugerir conclusões, trago então questões: será ilusória ver o BDSM como uma prática queer e uma fuga da heteronorma? Como fica nosso desejo e nosso corpo em campo quando se propõe uma etnografia de práticas sexuais? Quem domina? @ pesquisador@ que leva teorias pro campo e julga saber algo, ou @ pesquisad@ que pode te envolver em uma teia de significados e prazeres?

Bibliografia

CALIFIA, Pat. “El lado secreto de la sexualidad de las lesbianas”. Disponível em: <http://monografiasssexualidad.blogspot.com/2006/10/anexos.html>. Acesso em: 15 de maio de 2007.

CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002) - revisão crítica*. Rio de Janeiro: Cepesc, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Masochismo – Apresentação de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I - a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. “Sexo, poder e a política da identidade.” Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>. Acessado em: 26 de setembro de 2007.

GREGORI, Maria Filomena. “Relações de Erotismo e Violência”. *Cadernos Pagu – Erotismo, Prazer, Perigo*. Campinas, nº 20, primeiro semestre de 2003, p. 87-120.

LEITE JR., Jorge. *A CULTURA S & M*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

PULET, José M. Martinez. La construcción de una subjetividad perversa: el S/M como metáfora política y sexual. In: CÓRDOBA, David, SÁEZ, Javier y VIDARTE, Paco (eds.). *Teoria queer: Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid: Egales, 2005, p. 213-228.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Revolución Madrid, p.157-209, 1989.

_____. “Tráfico Sexual – Entrevista”. Realizada por Judith Butler. *Cadernos Pagu – Olhares Alternativos*. Campinas, nº 21, segundo semestre de 2003, p. 157-209.

SACHER- MASOCH, Leopold von. *A Vênus de Peles*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983.



VILLA, Liliana Gómez .”El sadomasoquismo como práctica Textual consensuada. La experiencia de las lesbianas”. Disponível em: <http://monografiassexualidad.blogspot.com/2006/10/el-sadomasoquismo-como-prctica-sexual.html> . Acesso em: 15 de maio de 2007.